

# Jorge Luís Borges – Arte poética

Fitar o rio feito de tempo e água  
e recordar que o tempo é outro rio,  
saber que nos perdemos como o rio  
E que os rostos passam como a água.

Sentir que a vigília é outro sonho  
que sonha não sonhar e que a morte  
que teme nossa carne é essa morte  
de cada noite, que se chama sonho.

No dia ou no ano perceber um símbolo  
dos dias de um homem e ainda de seus anos,  
transformar o ultraje desses anos  
em música, em rumor e em símbolo,

na morte ver o sonho, ver no ocaso  
um triste ouro, tal é a poesia,  
que é imortal e pobre. A poesia  
retorna como a aurora e o ocaso.

Às vezes pelas tardes certo rosto  
contempla-nos do fundo de um espelho;  
a arte deve ser como esse espelho  
que nos revela nosso próprio rosto.

Contam que Ulisses, farto de prodígios,  
chorou de amor ao divisar sua Ítaca  
verde e humilde. A arte é essa Ítaca  
de verde eternidade, sem prodígios.

Também é como o rio interminável  
que passa e fica e é cristal de um mesmo  
Heráclito inconstante, que é o mesmo  
e é outro, como o rio interminável.

**Jorge Luís Borges, 0 fazedor**